

## **As veias abertas das relações cotidianas**

*“Há suor humano na argamassa do seu calçamento.”*

*João do Rio*

*Maria Luiza Franco Busse<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O traçado das ruas e o desenho das plataformas virtuais são modos de dizer como devemos nos movimentar nesses espaços de mobilidade física e simbólica. No primeiro caso, o ambiente é concebido na perspectiva de lugar coletivo para uso do indivíduo. Já no plano virtual, o indivíduo protagoniza a concepção e se encarrega de coletivizar os próprios percursos existenciais imprimindo comunicação ao seu aparato simbólico. Entretanto, apesar da natureza diferente, o que se verifica em ambos é a presença concreta do conflito que desde sempre caracterizaram as ruas, mas não necessariamente a virtualidade cibernética que pressupõe a possibilidade de cada um manejar com absoluto domínio e autonomia as relações e manifestar como bem entende as vontades, desejos, idiosincrasias e tudo mais o que tiver em potência. Isso, na grande maioria das vezes, sem a mediação das regras elementares da sociabilidade que balizam o vaivém cotidiano das ruas onde toda sorte de gente se cruza, esbarra, partilha o mesmo pavimento, testemunha eventos, atua e assiste, mesmo sem querer, às transformações do comportamento tanto urbanístico e arquitetônico quanto político e social que marcam a passagem do tempo do cotidiano histórico.

### **Palavras-chave:**

Rua, Comunicação, Simbólico

### **Abstract**

The design from the streets and from the visual platforms defines how we go to move in those physical and symbolic spaces. The first case is a collective ambient for individual uses and in the second one, the virtual, is the individual who turns collective their symbolic repertoire. However in both conditions we can verify the presence of the

---

<sup>1</sup>Jornalista e doutora em Semiologia pela UFRJ com tese sobre a China. Autora dos livros 'Texto sem conforto, uma proposta de redação jornalística' e 'Ensaio sobre a pergunta'.

conflict, a street typical feature but not an original characteristic of cybernetic virtuality in the sense of mean of communication. The great difference between them is the fact that the conflicts in the virtual approach do not have the rules to broke social events that happen on the streets.

**Keywords:**

Street, Communication, Symbolic

**Texto**

O traçado das ruas e o desenho das plataformas virtuais são modos de dizer como devemos nos movimentar nesses espaços de mobilidade física e simbólica. No primeiro caso, o ambiente é concebido na perspectiva de lugar coletivo para uso do indivíduo. Já no plano virtual, o indivíduo protagoniza a concepção e se encarrega de coletivizar os próprios percursos existenciais imprimindo comunicação ao seu aparato simbólico. Entretanto, apesar da natureza diferente, o que se verifica em ambos é a presença concreta do conflito que desde sempre caracterizaram as ruas, mas não necessariamente a virtualidade cibernética que pressupõe a possibilidade de cada um manejar com absoluto domínio e autonomia as relações e manifestar como bem entende as vontades, desejos, idiossincrasias e tudo mais o que tiver em potência. Isso , na grande maioria das vezes, sem a mediação das regras elementares da sociabilidade que balizam o vaivém cotidiano das ruas onde toda sorte de gente se cruza, esbarra, partilha o mesmo pavimento, testemunha eventos, atua e assiste, mesmo sem querer, às transformações do comportamento tanto urbanístico e arquitetônico quanto político e social que marcam a passagem do tempo do cotidiano histórico.

**Uma tentativa de entender**

A modernidade tirou de cena o particular do indivíduo cultivado pelo mundo grego e trouxe o geral da comunidade para protagonizar a História. Hegel rivalizou com êxito o lugar de Aristóteles, mas teve suas idéias disputadas por Marx que as releu e reconstruiu a partir da dialética sustentada no chão da História.

Essas correntes de pensamento que vêm de longe, com alguns séculos de diferença entre o estagirita e os alemães, calçam até hoje o nosso cotidiano. E, mesmo que invisíveis e imperceptíveis para muitos, estão presentes na motivação que dá origem às manifestações das quais as ruas e as redes sociais vêm sendo o lugar do tenso e efetivo entrecchoque de costumes e aspirações. Ainda que sem compreensão e esclarecimento, estão vivas no simbólico dos gestos e das falas comuns do dia a dia que agora se veem diante da possibilidade de mais espaço de expressão em consequência das novas forças produtivas criadas, desenvolvidas e colocadas no mercado para consumo massivo desde a segunda metade do século XX. O PC, personal computer, e suas cada vez mais nano-derivações, trouxeram de volta a potência do indivíduo e a tecnologia da conexão em rede se encarregou de ligá-lo ao coletivo, ainda mais radicalmente depois do acesso em tempo real. O transporte das particularidades à distância deu a sensação de formar um corpo social novo e em permanente estado de mutação. Criou-se o vínculo entre desconhecidos a partir da convicção de que idéias e paixões são compartilhadas no mesmo momento. O mundo digital traçou vias de sem número de mãos, sentidos e direções que, por analogia, desembocaram no ambiente público e geral das ruas. E vice-versa. O comunitário vaivém compulsório ou nem tanto das ruas, também tomou o rumo do particular e passou a caminhar nas estradas do novo arsenal produtivo.

### **Marx, tempos burgueses**

A literatura em prosa e verso sentiu a dinâmica burguesa no ir e vir das cidades modernas, traduzidas na compressão do tempo e do espaço urbano fortemente desenhado com o grafite da exclusão. A melancolia, sentimento superior à gravidade e menor que a tristeza, tornou-se porta-voz de imagens das ruas tomadas por construções materiais e imateriais que varrem de cena estéticas sociais diferenciadas. Como, por exemplo, a impressão sentida pelo poeta Charles Baudelaire em ‘*Os olhos dos pobres*’ :

*“Quer saber por que a odeio hoje? Sem dúvida lhe será menos fácil compreendê-lo do que a mim explicá-lo; pois acho que você é o mais belo exemplo da impermeabilidade feminina que se possa encontrar.*

*Tínhamos passado juntos um longo dia, que a mim me pareceu curto. Tínhamos nos prometido que todos os nossos pensamentos seriam comuns, que nossas almas, daqui por diante, seriam uma só; sonho que nada tem de original, no fim das contas, salvo o fato de que, se os homens o sonharam, nenhum o realizou.*

*De noite, um pouco cansada, você quis se sentar num café novo na esquina de um bulevar novo, todo sujo ainda de entulho e já mostrando gloriosamente seus esplendores inacabados. O café resplandecia. O próprio gás disseminava ali todo o ardor de uma estréia e iluminava com todas as suas forças as paredes ofuscantes de brancura, as superfícies faiscantes dos espelhos, os ouros das madeiras e cornijas, os pajens de caras rechonchudas puxados por coleiras de cães, as damas rindo para o falcão em suas mãos, as ninfas e deusas portando frutos na cabeça, os patês e a caça, as Hebes e os Ganimedes estendendo a pequena ânfora de bavarezas, o obelisco bicolor dos sorvetes matizados; toda a história e toda a mitologia a serviço da comilança.*

*Plantado diante de nós, na calçada, um bravo homem dos seus quarenta anos, de rosto cansado, barba grisalha, trazia pela mão um menino e no outro braço um pequeno ser ainda muito frágil para andar. Ele desempenhava o ofício de empregada e levava as crianças para tomarem o ar da tarde. Todos em farrapos. Estes três rostos eram extraordinariamente sérios e os seis olhos contemplavam fixamente o novo café com idêntica admiração, mas diversamente nuançada pela idade.*

*Os olhos do pai diziam: "Como é bonito! Como é bonito! Parece que todo o ouro do pobre mundo veio parar nessas paredes." Os olhos do menino: "Como é bonito, como é bonito, mas é uma casa onde só entra gente que não é como nós." Quanto aos olhos do menor, estavam fascinados demais para exprimir outra coisa que não uma alegria estúpida e profunda.*

*Dizem os cancionistas que o prazer torna a alma boa e amolece o coração. Não somente essa família de olhos me enternecia, mas ainda me sentia um tanto envergonhado de nossas garrafas e copos, maiores que nossa sede. Voltei os olhos para os seus, querido amor, para ler neles meu pensamento; mergulhava em seus olhos tão belos e tão estranhamente doces, nos seus olhos verdes habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse: "Essa gente é insuportável, com seus olhos abertos como portas de cocheira! Não poderia pedir ao maître para os tirar daqui?"*

*Como é difícil nos entendermos, querido anjo, e o quanto o pensamento é incomunicável, mesmo entre pessoas que se amam!”.*

Ou ainda, também de Baudelaire, a metáfora de ‘*O cisne*’, em que o poeta faz representar os desfavorecidos lançados no contexto da uma realidade da qual não foram chamados a participar:

*“Andrômaca, só penso em ti! O curso de água,  
Espelho pobre e triste onde já resplendeu,  
De teu rosto de viúva a majestosa mágoa,*

*O Simoente falaz que ao teu pranto cresceu,  
Agora fecundou minha fértil saudade,  
Como eu atravessasse o novo Carrossel.  
Morto é a velha Paris (a forma da cidade  
muda bem mais que o coração de uma infiel);*

*Só em pensamento vejo os campos de barracas,  
Os fustes aos montões, as cornijas rachadas,  
Os muros de um verniz verde, as ervas opacas,  
O vago ferro-velho a brilhar nas calçadas.*

*No outro tempo existiu neste ponto um aviário;  
Lá vi uma manhã, quando sob a amplidão  
Clara, o trabalho acorda e o lixo funerário  
Manda ao ar silencioso obscuro furacão,  
Um cisne que, ao deixar sua gaiola, as palmas  
Dos seus pés atritando o pavimento iníquo,  
Arrastava no chão as grandes plumas claras.*

*Junto a um riacho sem água, a ave abrindo o seu bico,  
Suas asas banhou na poeira, num desmaio,  
E dizia a sonhar com seu lago natal:*

*“Água, não choverás?” Não trovejarás, raio?”  
Eu vejo este infeliz, mito estranho e fatal,  
Às vezes para o céu, como um homem ovidiano,  
Para o céu de um azul cruel e tão irônico,  
Contorcendo o seu colo, o mais convulso e insano,  
Enquanto envia a Deus o seu riso sardônico!*

*Paris mudou! Porem minha melancolia  
É sempre igual: torreões, andaimarias, blocos,  
Arrabaldes, em tudo eu vejo alegoria,  
Minhas lembranças são mais pesadas que socos.*

*Também diante do Louvre uma imagem me oprime:  
Penso em meu grande cisne, o do gesto feroz,  
Exilado que ele é, ridículo e sublime,  
Roído de um desejo infindo! Como em vós  
Andrômaca, a tombar dos braços de um esposo,  
Gado vil, para as mãos de Pirro tão sereno,  
Junto a tumba vazia, em langor doloroso  
Viúva de Heitor além de ser mulher de Heleno!*

*Vou pensando na negra a fanar cor de terra:  
Busca de pés na lama e de olhar tão bravio  
Ausentes coqueirais que sua África encerra  
Atrás do muro imenso, o da bruma e do frio;  
Em quantos a Fortuna, e para sempre, rouba  
Seu bem melhor! Nos que se alimentam de dor,  
Onde soem mamar, como de boa loba,  
Nos órfãos a mirrar mais secos de que a flor!  
E na floresta, que meu pobre corpo trilha,  
Soa como buzina uma velha lembrança.  
Penso no marinheiro esquecido numa ilha...*

*Nos vencidos de sempre e nos sem esperança!”.*

A cidade moderna é resultado da passagem do feudalismo para o capitalismo. Ela reúne os contrários e permite emergir as diferenças numa relação contínua de bola e parede entre as classes que nela circulam e trabalham. Em jogo, a luta pelos interesses que dizem respeito a cada uma. No tempo de Haussmann, a tecnologia mecânica que permitiu rasgar Paris redefiniu não só o deslocamento urbano, mas as relações sociais e afetivas. Nessa nossa atual modernidade tardia, ou pós-modernidade, ainda no marco do capitalismo, a dinâmica das condições dadas pela virtualidade cibernética parecem estar agudizando as tensões entre indivíduo, coletivo e representação institucional.

### **Jornadas de junho**

No Brasil, não é arriscado afirmar que a noção de vida urbana para todos teve início no governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva, depois de 10 anos de políticas neoliberais implementadas pelos presidentes Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso. Vale lembrar que essas políticas tinham por finalidade manter o país em situação de dependência do modelo capitalista que, na etapa atual, tem perfil financeiro, ou seja, cenário em que o dinheiro se retroalimenta por inversões dispensando a produção e, em conseqüência, promovendo desemprego em larga escala.

A reversão dessa política subalterna e de estrago social sem medida tirou mais de 42 milhões de brasileiros da situação de miséria, o país registrou pleno emprego e as cidades passaram a integrar uma nova classe trabalhadora com acesso aos bens de consumo. ‘Que Alegria’, de 2008, música de Roberto Lopes , Zé Roberto , Almir, sucesso na voz de Zeca Pagodinho, é um forte indicador de como os pobres receberam o novo rumo governamental. Segue a letra:

*Que alegria, limpei meu nome e o seu também*

*Estou em dia*

*Já paguei seu Claudionor do armazém*

*To empregado, reformei nosso barraco*

*Botei piso, tirei taco, graças a Deus tá tudo bem*

*Também comprei uma TV, geladeira e um fogão*

*Mobiliei quarto, sala e cozinha à prestação*

*Quero uma loura estupidamente suada*

*Alô, do balcão!*

*Com meu amor, eu vou junto no karaokê*

*Lembrar nossa canção*

*Me traz uma porção de salaminho e calabresa*

*Mas, antes, passa um pano aqui na mesa*

*Vamos brindar a nossa volta*

*Porque eu tenho certeza*

*Que a nossa chama esteve sempre acesa (meu bem)*

*Vivi uma fase no fundo do poço*

*Guardava janta pra comer no almoço*

*Catei garrafa, papelão, latinha*

*Vendia de tudo pra ter uma graninha*

*Porém, agora me sinto contente*

*Você comigo é o melhor presente, amor*

Acompanhando a mudança de patamar econômico, as cidades ganharam estatutos jurídico e institucional próprios. De acordo com o IBGE, o século XXI começou com 80% da população brasileira vivendo nas cidades. Em 2001, fruto da pressão social, o parlamento inseriu a questão urbana na Constituição federal de 1988, conhecida como a Constituição Cidadã. Também em 2001 foi sancionado o Estatuto da Cidade que tem como princípios básicos o planejamento participativo e a função social da propriedade, cabendo aos municípios a administração política dos diferentes interesses. Em 2003 foi criado o Ministério das Cidades, fato inovador nas políticas urbanas na medida em que integrou os setores de habitação, saneamento, transportes e trânsito levando em consideração o uso e a ocupação do solo. Finalmente, em 2004, deu-se a criação do Conselho das Cidades, órgão colegiado de natureza deliberativa e consultiva que integra o Ministério das Cidades com a finalidade estudar, propor e

acompanhar a execução das diretrizes para a formulação e implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Urbano\_ PNDU. O Conselho das Cidades é constituído por 86 titulares, sendo 49 representantes de segmentos da sociedade civil e 37 dos poderes públicos federal, estadual e municipal, com mandato de dois anos. Inclui, ainda, nove observadores representantes dos governos estaduais que tenham Conselho das Cidades nos seus estados. As decisões têm como referência as deliberações tiradas nas Conferências Nacionais das Cidades, que tiveram início em 2003. Neste ano de 2013, o tema para debate na 5ª Conferência, em novembro, é “Quem muda a cidade somos nós: reforma urbana já”. De acordo com o texto extraído da página do site do Ministério das Cidades, uma das principais lições aprendidas na trajetória do Conselho das Cidades “é que a democracia muda de qualidade quando o Poder Público se une à experiência acumulada da sociedade civil organizada e potencializa a sua participação na elaboração e execução dos programas e das políticas públicas”.

A partir dessas formalizações, as cidades passaram a ser oficialmente reconhecidas como mais uma frente na redução da desigualdade social e de cuidado com a sustentabilidade ambiental. Equilíbrio complexo no modelo capitalista, já que igualdade e preservação não são patrimônios genéticos do capital.

Diferente da centralização liberal-burguesa de Napoleão III (1848-1870), traduzida nos cafés e bulevares que inspiraram a melancolia de Baudelaire a escrever *As Flores do mal*, as cidades do século XXI vêm dizendo respeito à participação direta dos seus cidadãos na reinvenção dos espaços públicos, com ações de corte com as instâncias representativas tradicionais. Sugerem prescindir da representação institucional e da mão visível da Política que, ao contrário da guerra, ainda é a mediação necessária e fundamental para a urbanidade do convívio no geral e no particular.

A cidade é um organismo vivo formado por todos que nela vivem. A esse universo heterogêneo cabe aos cidadãos o direito e o dever de edificá-la e promover mudanças de acordo com suas aspirações e desejos.

Foi o que se viu nas jornadas de junho deste ano de 2013 iniciadas dia 6, em São Paulo, pelo Movimento Passe Livre, que se apresenta como autônomo, horizontal e apartidário, e tem como reivindicação pontual revogar o aumento do preço da passagem dos transportes. Para o MPL, esse é o princípio que marca e assegura o caráter público

dos meios de locomoção de massa. Ao chamado “Vem pra rua, vem, contra o aumento”, responderam do luxo ao lumpem. A rua reverberou nas redes sociais. Ao contrário das tecnologias da comunicação que formavam espectadores, o ambiente do espaço cibernético alargou a possibilidade de participação e demandou a formação de interagentes. Por conta dessa realidade, diferentes grupos, indivíduos e classes, saltaram da virtualidade dos protestos que já circulavam em rede para as principais vias das cidades com bandeiras outras que iam do combate à corrupção, à luta por educação e saúde padrão Fifa, à redução do preço da ração canina.

A cidade e a rua, as veias abertas do cotidiano urbano, se confirmaram como lugar estratégico de manifestação e enfrentamento, apresentando um nível de impacto muito superior ao regularmente verificado na incontinência verbal das redes sociais. A cidade e a rua voltaram a ser ponto de encontro de arrebatamentos capazes de fazer parlamentos e governos lhes consagrarem leis e decretos ou, se não, experimentar novas formas de convívio e procedimento.

O que foi possível verificar na expressão da massa que formou as jornadas de junho, salvo o MPL, foi a contundente afirmação de que não se estava fazendo política. Longe disso. A grande maioria se apresentava como cidadão indignado, sem representação, reivindicando um cotidiano melhor e de qualidade na saúde e na educação, além de uma sociedade sem corrupção, ética, inclusiva, e livre da política. A fala das redes tomou corpo literal no dizer das ruas. Mais, no corpo-a-corpo travado entre os contrários à representação política e os a favor das instâncias parlamentares como meio de realização dos objetivos.

Aqui parece estar uma chave importante para tentar entender a relação entre força produtiva e superestrutura. Ou, dizendo de outra maneira, constatar na prática o que dizia Marx sobre a inexorável implicação de meios e modos de agir e de pensar. A tecnologia cibernética das redes permitiu transbordar os limites do comportamento a que os indivíduos são socialmente submetidos quando postos em situação presencial. Nas redes, mata-se, espanca-se, insulta-se, vilipendia-se, masturba-se, ama-se, engana-se, traveste-se, se é tudo ao mesmo tempo, sem mediação. Nas ruas, quando há sangue e esperma, há morte e vida de fato.

Muitos dos espaços, vontades e desejos urbanos antes freqüentados pelas classes alta e média, essa formada por profissionais liberais especializados e escolarizados, com

acesso ao lazer e à cultura, passaram a ser compartilhados pelo povo até então submetido às políticas de escassez. A idéia de cidade já não era mais exclusiva.

O automóvel, símbolo de conforto e sinal externo de melhoria de condição, ganhou lugar privilegiado na relação estratégica entre mercado interno de consumo e desenvolvimento nacional com políticas de facilidade de crédito direto e desoneração fiscal. Todos foram às compras. Aos altos e médios, somaram-se os novos trabalhadores agora incorporados à cidade. E as ruas ficaram intransitáveis. Assim como seu subterrâneo, o metrô, que não foi concebido para um país potente, com considerável fluxo diário de trabalhadores. Desde o golpe de 1964 até o governo Lula, não era essa a aposta. Sobre tudo com a vitória do neoliberalismo na América do Sul.

Mas a história mudou e a cidade acabou se mostrando o que é: uma grande praça de disputa. Nas redes sociais, aparecia o desconforto com as reformas que permitiam a ascensão de miseráveis e desassistidos. Mesmo sem muita clareza, o incomodo parecia manifesto. Nas trocas do facebook, twitter e outras ferramentas digitais de comunicação, havia um novo som no ar que mais se assemelhava a ruído. Entre os dois, um espaço de silêncio que precisava ser quebrado e a convocação do MPL foi a deixa.

Muita gente migrada das redes trazia como ponto comum, em meio à diversidade de apelos, a bandeira do apolítico e do apartidário para a possibilidade de construção de um mundo melhor. Essa é, a meu ver, a novidade semiológica que o estar das redes sociais trouxe para as ruas. Um modo de estabelecer relações sem mediação, direto, papo reto, que supõe prescindir da política tanto no seu aspecto filosófico quanto institucional.

### **O paradoxo de Aristóteles**

A forte tendência migratória do trabalho industrial para o setor de serviços promoveu deslocamento nas relações de produção. Nos diversos segmentos da sociedade viu-se surgir empreendedores de micro e média empresas, destacando o campo da informação digital que é o assunto aqui tratado. A massificação dos dispositivos cibernéticos e seus avanços tecnológicos aproximaram a comunicação e permitiram a transmissão acelerada de informações, promovendo um fluxo vertiginoso de troca de dados objetivos e impressões subjetivas.

Com as ruas das grandes cidades contemporâneas ocupadas por automóveis e atemorizadas pela violência, a manifestação do simbólico passou a ocupar o espaço supostamente seguro e autocontrolável das vias tecnodigitais. E na falta de limite orientado por políticas públicas no chamado território livre da Internet, os usuários entenderam que a política era a mediação castradora das vontades, desejos e, em parte, dos direitos do cidadão. A reação à política tornou-se ainda mais aguda com a constatação de que as instâncias representativas nem sempre cumprem o papel que lhes é devido de legislar e executar com qualidade e universalidade a saúde, a educação, moradia e saneamento básico, entre outras áreas que afetam diretamente o bem-estar comum.

Esse é, a meu ver, o interessante paradoxo. Pensando que são apolíticos, os muitos milhões de brasileiros que saíram às ruas nas jornadas de manifestação contra a baixa qualidade dos serviços públicos essenciais estavam praticando a política no seu sentido mais autêntico. Isso porque, recorrendo a Aristóteles, a finalidade da Política é o bem supremo que tem por objetivo a felicidade humana. Diferente da ética, que se ocupa da felicidade individual, a política em seu sentido pleno é uma ciência que se encarrega da felicidade coletiva da polis. Para isso, nos ensina o grego nascido na cidade de Estagira, a política tem a tarefa prática de investigar e executar as formas de governo e as instituições que garantam uma vida feliz aos habitantes. O que significa dizer que conhecimento e ação são faces da mesma moeda de construção social. Nessa perspectiva, a cidade é e sempre será uma comunidade política porque está em permanente busca de algum bem por uma vida melhor.

No sentido aristotélico, por vida melhor entenda-se a satisfação das necessidades materiais, incluindo defesa e segurança que, por fim, levam à virtude espiritual da felicidade. Na política, ciência destinada à edificação do bem-estar e conquista da felicidade, cabe à instituição do estado a tarefa essencial da educação. Uma educação ética, voltada para formar cidadãos pacifistas, científicos e virtuosos nas artes liberais. Nesse caso está se falando da ética da política, que se ocupa do vínculo do indivíduo com a sociedade, e não da ética do indivíduo regida pela ação voluntária e moralista, embora ambas estejam no campo da ciência da conduta. Ainda sobre a ética, a todo o momento evocada nas situações sentidas como limite, Aristóteles dizia que ela continha

a felicidade produzida na racionalidade prática e se baseava no hábito, na prudência e na virtude. Aqui é preciso enfatizar que a virtude grega nada tem a ver com o humanismo cristão. Para Aristóteles, virtude é a justa medida das ações tomadas a partir da prudência e do hábito adquiridos por meio da educação de valores. A virtude da ‘mediania’ é uma qualidade que só se realiza quando se age com justiça.

O estado, representação síntese da diversidade dos indivíduos, será a expressão da forma de governo sintonizada com as situações históricas particulares e gerais, com o espírito do tempo e com a realidade do seu povo. E, não custa repetir, sua atividade fim é sempre o bem comum e não a vantagem de quem governa.

O discurso do general Péricles em reverência aos soldados de Atenas mortos em combate contra Esparta, na primeira guerra do Peloponeso, é um elogio à cidade e ao ambiente virtuoso de educação em que seus cidadãos eram formados. Um exemplo de sintonia fina de entendimento entre o sentimento do povo e dos governantes. Segue o discurso

*"Nossos homens públicos, além da política, possuem atividades privadas, e nossos cidadãos, ainda que ocupados nos seus negócios, são julgadores sensatos das questões públicas.*

*Mas qual foi a estrada que nos levou a atingir esta posição, qual a forma de governo sob a qual nossa grandeza desenvolveu-se, quais os hábitos nacionais que a geraram; estas são as perguntas que eu vou tentar responder antes de fazer o meu panegírico destes homens.*

*Nossa constituição não copia as leis de outros estados; nós somos um modelo para os outros e não imitadores. Nossa administração favorece aos 'muitos' ao invés dos 'poucos' e é por isso que é chamada de democracia.*

*Se olharmos as nossas leis, elas asseguram justiça igual para todos nos seus litígios privados; o progresso na vida pública depende da reputação de capacidade e as considerações sobre classes não podem interferir com o mérito; se um homem é capaz de bem servir ao Estado ele não é impedido pela obscuridade de sua condição.*

*A liberdade que gozamos no nosso sistema de governo estende-se também para a nossa vida em sociedade. Nós não exercemos uma invejosa espionagem uns sobre os outros (...) embora toda esta liberalidade nas relações privadas não nos torne cidadãos que não respeitam as leis.*

*Este temor(desobediência às leis) é a nossa principal salvaguarda. Ele nos ensina a obedecer aos magistrados e às leis, tanto as que estão impressas em documentos, como as que integram aquele código que, embora não seja escrito, não pode ser quebrado sem causar conhecidas desgraças(lei natural).*

*Guerra do Peloponeso foi motivada pelo conflito de interesses econômicos e políticos entre as duas cidades gregas mais importantes: Atenas e Esparta.*

*Além disso, nós nos proporcionamos meios em abundância para aliviar nossas mentes dos negócios e trabalhos. Celebramos jogos e sacrifícios durante todo o ano (...) ao mesmo tempo em que a importância de nossa cidade atrai a produção do mundo para nossos portos, de tal forma que, para o ateniense, os frutos de outros povos são luxos tão familiares quanto os que produzimos.*

*Nossa política em matéria militar também difere da de nossos antagonistas. Nós mantemos nossa cidade aberta para o mundo e nunca excluimos os estrangeiros da oportunidade de aprender e de nos observar, ainda que os olhos de um inimigo possam beneficiar-se ocasionalmente de nossa liberalidade.*

*Na educação, enquanto nossos rivais são treinados desde o berço para a guerra, em Atenas vivemos exatamente como queremos, e, assim mesmo, estamos preparados sempre para enfrentar qualquer desafio.*

*Mas não são apenas estes os pontos em que nossa cidade é merecedora de admiração. Nós cultivamos o refinamento sem extravagância e a sensibilidade sem efeminação; a riqueza, preferimos empregar para o uso e não para exibição.*

*Nossos homens públicos, além da política, possuem atividades privadas, e nossos cidadãos, ainda que ocupados nos seus negócios, são julgadores sensatos das questões públicas. Diferentemente de qualquer outra nação, nós não consideramos o cidadão que não participa das questões públicas como uma pessoa sem ambições e sim como um inútil.*

*Nós Atenienses somos capazes de opinar sobre todos os temas, e, ao invés de encararmos as discussões como um obstáculo para a ação, nós as consideramos como a preliminar indispensável para qualquer ação prudente e sábia.*

*Na generosidade também somos singulares. As amizades nós conquistamos fazendo favores e não os recebendo, e somente nós os atenienses, sem medo, outorgamos benefícios não por interesse e sim na expectativa da reciprocidade. Esta é*

*a Atenas pela quais estes homens, na afirmação do seu desejo de não perdê-la, nobremente lutaram e morreram."*

Por que se batem as manifestações que tomaram as ruas do Brasil nas jornadas de junho de 2013? A dispersão das pautas e o processo ainda em curso levam a crer que mais importante agora do que definir a questão é pensar sobre o gesto individual de sair da subjacência do real para o seu correlato íntegro das ruas. Corpos, massas de gente, cobriram as ruas. Associaram a conexão das idéias em rede à expressão presencial das mesmas. “O povo na rua é gente pra caralho”, dizia uma das palavras de ordem mais presentes nas primeiras manifestações.

No debate ‘O movimento social avalia a onda de protestos’, promovido pelo Instituto Casa Grande, em 12 de agosto, no Rio de Janeiro, o representante do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tadeu Lemos, assim resumiu os acontecimentos: “Ter conquistado isso ( a redução dos 20 centavos na passagem) foi a nossa maior vitória. Há décadas não se conseguia com os movimentos sociais. A rua volta a ser instrumento de conquista(...) onde a gente vai fazer vitórias. Agora é a rua o espaço da luta, e todos foram para a rua”.

Perguntado sobre o papel das redes sociais, e em especial do Facebook, no resultado das manifestações, Tadeu fez a consideração seguinte:

*“O facebook não produz manifestações. Quem produz manifestações são as pessoas (...).Mas ele ( o facebook) é um grande instrumento de visibilidade, agitação, comunicação. Não considero ele( o facebook), ainda, um bom instrumento de organização. Eu acho que a gente não pode perder de vista duas coisas: primeiro, a nossa organização olho no olho porque isso a gente tem que avançar. Acho que quando a gente faz uma assembléia com três mil pessoas na porta do IFCS ( Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da UFRJ), com todos os problemas, acho que isso só demonstra o quanto é importante a gente continuar apostando nesse tipo de coisa, porque a saída tem a ver muito com isso de a gente voltar a ter o espaço, dá organicidade ao nosso movimento que foi perdido durante muito tempo. A gente tirou pauta concreta, tirou agenda de manifestação, e isso era inimaginável.A gente não pode perder de vista essa experiência.*

*O facebook, ele é feito do ponto de vista das manifestações por aquela coisa extremamente individual. Cada um clica e cada um dá sua individualidade, ou seja, o indivíduo coletivo, você contribui para o processo. Só que as pessoas desvirtuam a lógica disso. Porque quando você alia as redes e as ruas, não é essa a palavra de ordem dos indignados? você coloca esse instrumento à serviço de uma mobilização. Então, a gente não pode também deixar de pensar nessas coisas. Mas o facebook não é um instrumento de comunicação nosso. A gente tem que, sim, avançar nos instrumentos de mobilização de classe, autônomos ( mostra o jornal alternativo Brasil de Fato). É importante preservar essas coisas. Eu acho que o facebook coloca métodos e novos jeitos de se comunicar. A gente tem que saber usar e a esquerda tem que saber dialogar.”*

Embora Tadeu seja um quadro político organizado, sua reflexão importa para o trabalho na medida em que reconhece o indivíduo coletivo que se forma na base da rede. Um indivíduo coletivo que mesmo que não se reconheça como tal, é um ser político quando toma a cidade e nela tece relações. Ainda que não filigranas, ao menos veios. Por isso, ousou dizer, que no encontro do silício com o betume nas jornadas de junho, nunca fomos tão aristotélicos.

## **Bibliografia**

- ARISTÓTELES.** *A Política*. Rio de Janeiro. Editora Martins Fontes, 2006.
- BUSSE,** Maria Luiza F. *Texto sem conforto, uma proposta de redação jornalística*. Rio de Janeiro. Editora e-papers, 2002.
- HUGO, V.** *Do grotesco e do sublime*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1988.
- LINS, R.L.** *Crítica da moral cansada*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2011.